

'The Selective Traveller in Portugal': Anacronismos e Peculiaridades de um Olhar sobre Portugal



Jorge Pinho | Universidade do Porto, Portugal

O artigo que aqui se apresenta visa analisar os desafios que teve de enfrentar o autor na sua tarefa de tradução de um texto de viagens sobre o Portugal da década de 1940, tal como fora escrito por duas viajantes inglesas. Os desafios serão criticamente analisados a partir de diferentes ângulos – técnicos, pragmáticos e interculturais – sempre ancorados na relação entre o tradutor e a casa editora responsável pela edição da obra *The Selective Traveller in Portugal*.

1. Introdução

Regra geral, para responder à solicitação de tradução de uma obra por parte de uma casa editora, o tradutor procura socorrer-se dos materiais mais actualizados e completos sobre a temática abordada, rodeando-se de informações sobre o texto e os seus contextos que consolidem os seus conhecimentos e lhe permitam corresponder às exigências do universo de referência da obra, tal como terá sido criado e apresentado pelo autor. É frequente, contudo, o tradutor aperceber-se de que sabe muito pouco e que, apesar de todo o aprofundamento que possa desenvolver sobre o tema em causa, nunca conseguirá aproximar-se dos conhecimentos de que o autor dispõe. Ainda assim, procura servir-se dos meios e fontes conhecidos e de outros, tantas vezes desconhecidos até essa data.

É natural, portanto, que um dos primeiros recursos do tradutor seja a própria casa editora, supostamente conhecedora da obra em causa, tanto mais porque terá decidido publicá-la. Assim sendo, o tradutor faz perguntas sobre outras obras do autor, indaga sobre os públicos a quem se dirige a obra,

questiona sobre os critérios que presidem à publicação e intenções da mesma, levanta, enfim, uma série de questões que considera pertinentes para ultrapassar os obstáculos iniciais.

Curiosamente, é por essa altura que o tradutor se apercebe muitas vezes da inexistência de razões superiores aos meros critérios comerciais e de lucro, mais ou menos imediato, por parte da editora, e que enfrenta um muro de silêncios e incompreensões. É nessas ocasiões que sente, afinal, que a sua situação é muito semelhante à do próprio autor perante a “página em branco”. A única diferença é que a ordem mental que determina as acções do tradutor deixou de ser o apelo interior de “Cria!”, do autor, e passou a ser antes “Traduz!”

2. Abordagem translatória inicial

O caso apresentado é um exemplo positivo do apoio fornecido por uma editora que conhece a obra e as autoras, e que tem ainda noções muito claras sobre as intenções de publicação e divulgação que presidiram à selecção e futura publicação deste livro.

De tal modo assim é que, ao longo do processo de recolha inicial dos dados para que o tradutor obtivesse o necessário enquadramento sobre a obra em causa, quase foi possível respeitar um modelo com as exigências de uma Ficha de Encomenda de Tradução Técnica, nomeadamente aquela que é proposta pela Norma Europeia de Serviços de Tradução EN 15038 no seu Anexo A, sobre os Pormenores de Registo de um Projecto.

Assim, foi possível ao tradutor definir alguns factores essenciais, nomeadamente:

- 1 - A identificação única do projecto: “The Selective Traveller in Portugal” (com o respectivo título em Português a ser definido posteriormente por acordo/negociação com a editora);
- 2 - A identificação da entidade para quem é realizado o trabalho e a pessoa a contactar no caso de serem necessárias explicações e/ou

ajuda: Casa editora e a coordenadora editorial responsável por esta obra;

3 - As condições contratuais e comerciais;

4 - As datas de recepção, entrega e até mesmo os formatos de entrega;

5 - O objectivo e uso previsível da tradução: Dar a conhecer aos leitores portugueses uma obra ainda não traduzida para Português, de finais da década de 1940, preservando sempre as referências nela presentes à época descrita e respeitando sempre as eventuais e naturais dissonâncias/anacronismos relativamente ao que se passa na actualidade;

6 - Respeito de um guia de estilo: Ainda que não fornecido pela casa editora num formato escrito, tal guia de estilo contempla opções e consagra regras básicas de formatação gráfica, mas também opções editoriais próprias e que já foram aplicadas em trabalhos anteriores.

Face às condições acima identificadas, tornou-se também relativamente fácil esclarecer as questões levantadas por uma apreciação prévia, ainda que simples, das primeiras páginas do texto de partida, seguindo, também aqui, um método de análise de factores intra- e extra-textuais, de macroestrutura e de microestrutura do texto de partida, conforme indicados no Anexo C, da Norma Europeia EN 15038, dedicado à Análise do Texto de Partida.

3. Autoras e obra

Procedeu-se então à identificação de factores extra-textuais, como sejam os que dizem respeito à identidade das autoras e ao contexto de publicação da obra. Para esse efeito, foram solicitadas à casa editora informações mais detalhadas sobre as autoras e também sobre o livro em causa. As curtas notas fornecidas pela coordenadora editorial foram devidamente complementadas e resultaram nos seguintes dados sobre as autoras.

3.1 As Autoras

Ann Bridge (pseudónimo de *Lady Mary Dolling Saunders O'Malley*)

Nasceu em Porter's Park, no Hertfordshire, em 1889, filha de Marie Louise Day e de James Harris Sanders. Passou a infância no Surrey, onde foi submetida a um intensivo currículo educativo, que incluiu Francês aos cinco anos e Alemão aos oito, seguidos de Latim e Grego. Ela compensava as aulas com momentos de equitação, natação e canoagem no rio Tamisa. Mais tarde, viria a estudar Italiano e História Italiana, e obteria um diploma em Ciências Sociais e Administração, na London School of Economics. As idas frequentes ao estrangeiro permitiram-lhe desenvolver o gosto pelas viagens e quando se casou, em 1913, com um jovem diplomata inglês, Owen O'Malley, passou a ter ainda mais oportunidades para desenvolver este interesse.

As suas viagens levaram-na até à China, França, Espanha, Hungria, Rússia, Estados Unidos da América e muitos outros locais em todo o mundo. Para todos os países onde viajava dedicava-se a aprender um pouco da língua, chegando mesmo a dominar algum Chinês. Além disso, Ann Bridge sempre foi uma apaixonada pela Botânica e pela Arqueologia, tendo sido, inclusivamente, Membro da Society of Antiquaries of Scotland.

Durante o período em que o marido ocupou o cargo de Embaixador da Grã-Bretanha, viria a viajar com frequência por todo o território de Portugal, estudando a grande variedade de belezas arquitectónicas, arqueológicas e as flores silvestres, que são descritas de forma tão vívida neste livro *The Selective Traveller in Portugal*.

Ann Bridge viria a falecer em 1974, depois de ter publicado um grande número de obras variadas, entre as quais:

Série Julia Probyn

The Lighthearted Quest (1956)

The Portuguese Escape (1958)

Julia Involved: Three Julia Probyn Novels (1960)

The Numbered Account (1960)

The Dangerous Islands (1963)

Emergency in the Pyrenees (1965)

Episode at Toledo (1967)

The Malady in Madeira (1970)

Julia in Ireland (1973)

Romances

Peking Picnic (1932)

The Ginger Griffin (1934)

Illyrian Spring (1936)

Enchanter's Nightshade (1937)

Four-Part Setting (1938)

A Place to Stand (1940)

Frontier Passage (1942)

And Then You Came (1948)

The House at Kilmartin (1951)

The Dark Moment (1952)

A Family of Two Worlds: A Portrait of Her Mother (1955)

The Tightening String (1962)

Singing Waters (1971)

Permission to Resign (1971)

Não-ficção

Portrait of My Mother (1955)

The Selective Traveller in Portugal (1949)

Facts and Fictions: Some Literary Recollections (1968)

Moments of Knowing (1970)

Antologias com histórias de Ann Bridge

A Second Century of Creepy Stories (1930)

When Churchyards Yawn (1931)

A Century of Creepy Stories (1934)

Great Short Stories of Detection, Mystery and Horror 3rd Series (1934)

A Century of Ghost Stories (1936)

The 4th Fontana Book of Great Ghost Stories (1967)

The 9th Fontana Book of Great Ghost Stories (1973)

The Penguin Book of Ghost Stories (1984)

Contos

The Buick Saloon (1930)

The Song in the House (1933)

The Accident

Susan Lowndes

Susan Lowndes nasceu em Londres, a 15 de Fevereiro de 1907, o seu pai era Frederick Lowndes, jornalista do *The Times* e a sua mãe, Mary Belloc Lowndes, foi uma das escritoras mais notáveis da sua época. Susan Lowndes foi educada no St. Mary's Convent, em South Ascot.

Veio pela primeira vez a Portugal, mais precisamente ao Estoril, em Agosto de 1938, em férias, na companhia dos pais, altura em que conheceu Luiz Marques, já na época jornalista com alguns anos de carreira, com quem se casou. Luiz Marques era um reconhecido escritor e correspondente em Portugal de muitos e importantes jornais americanos e ingleses. Ao contrário de Ann Bridge, Susan Lowndes confessava-se pouco hábil com as línguas, mas após vários anos em Lisboa tinha um conhecimento já muito bom do

Português. Além do jornalismo, desenvolveu inúmeras actividades de carácter social.

Membro do Lisbon Ladies Club e da Sociedade de Autores, residiria com a sua família em Portugal e seria condecorada, em 1975, pela Rainha Isabel II, de Inglaterra, com a Ordem do Império Britânico, pelos serviços prestados à comunidade inglesa em Portugal. Faleceu a 3 de Fevereiro de 1993.

Entre as suas obras contam-se:

The Selective Traveller in Portugal (juntamente com Ann Bridge), 1949;

Good Food from Spain and Portugal, 1956;

Foi ainda editora de:

Diaries and Letters of Marie Belloc Lowndes 1911-1947, 1971.

3.2 A obra – *The Selective Traveller in Portugal*

Relativamente aos dados sobre a obra, foi possível saber que, segundo as autoras, logo que Ann Bridge chegou a Portugal como esposa do recém-nomeado Embaixador da Grã-Bretanha, o primeiro telefonema que fez foi a Susan Lowndes, uma antiga e estimada amiga. A história comum e a aproximação de gostos fortaleceu a amizade entre ambas, e assim que germinou a ideia de criação de um novo guia de viagens para Portugal, Ann Bridge empenhou-se seriamente numa parceria com uma pessoa cuja experiência íntima do país, além do grande conhecimento da arte barroca e da história e arquitectura de Portugal a transformavam na colaboradora ideal.

Num pequeno carro, as duas amigas percorreram as zonas mais remotas do país, em busca de locais raramente visitados por estrangeiros, tomando notas, tirando fotografias, analisando e verificando o que outros antes delas já haviam escrito: por vezes com resultados surpreendentes. Nas suas viagens, descobriram várias igrejas com tectos fabulosos, esculturas e

outras características interessantes que nem sequer eram mencionadas no vasto *Guia de Portugal*, em três volumes (de 1924, 1927 e 1944).

Ann Bridge interessou-se particularmente pela riqueza e variedade de flores silvestres (desde a grande esteva que cobre os áridos montes rochosos com uma nuvem de flores brancas, à elegante perfeição em miniatura do narciso silvestre), pois era uma fervorosa botânica amadora, além de arqueóloga. Mais de cinquenta fotografias foram especialmente tiradas e incluídas neste livro, e os mapas apresentados procuravam ser rigorosos para os leitores poderem chegar aos locais descritos na obra.

The Selective Traveller in Portugal enquadra-se, efectivamente, na longa tradição inglesa dos relatos de viagens, que se terá iniciado com o *Grand Tour*, a viagem iniciática pela Europa dos jovens das classes superiores inglesas, e que se desenvolveu e floresceu sobretudo a partir de 1660, até ao momento da chegada do caminho-de-ferro, mais particularmente na década de 1840 (Cf. Wilton-Ely 137-164). Essa grande viagem, que visava fornecer aos jovens os apetrechos intelectuais, sociais, éticos e estéticos que poderiam recolher de tudo aquilo que viam e passavam a conhecer, era uma espécie de rito de passagem para os jovens do sexo masculino, nobres ou de famílias abastadas, e podia durar meses ou mesmo anos, sendo os jovens normalmente acompanhados por um guia experiente e conhecedor.

Representava, afinal, uma demonstração clara do poder cultural, mais do que económico ou físico, de que desfrutavam as classes dominantes. A tradução da viagem formativa reflectia também, porventura, perspectivas próprias do empirismo inglês: se, como John Locke expusera, em 1690, no *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, o conhecimento era adquirido pelos sentidos externos, sendo gerado pelos estímulos físicos a que eram expostos os seres humanos, então as viagens podiam ser entendidas quase como uma obrigação para o desenvolvimento do intelecto.

O advento dos meios de transporte de massas, por volta de 1825, não impediu a continuação do *Grand Tour*, mas originou grandes diferenças qualitativas. Passou a significar viagens mais fáceis, seguras e abertas a todos, incluiu novos países nos mapas das viagens e abriu ainda a possibilidade de tais viagens serem feitas por jovens do sexo feminino.¹

Contudo, a intenção das autoras segue o modelo da colecção *Windows on the World*, em que esta obra se insere, e no qual foram publicadas as seguintes obras:

Windows on the World – Travel Series

Australian Setting, George Farwell (1953)

Caucasian Journey, Negley Farson (1952)

Italian Pageant, Derek Patmore (1949)

Mediterranean Blue, Sisley Huddleston (1948)

Swiss Enchantment, Monk Gibbon (1950)

The Beauty of Morocco, Rom Landau (1953)

The Dalmation Coast, Anthony Rhodes (1955)

The Emerald Isle, Geoffrey Taylor (1952)

The Sunlit Caribbean, Alec Waugh (1953)

Nesta colecção de livros de viagens procurava oferecer-se aos turistas, sobretudo os britânicos, sensações novas e uma perspectiva diferente de paragens algo remotas. Recém-saídos da Segunda Guerra Mundial e ávidos de distrações e aventuras em recantos paradisíacos ou ainda pouco explorados do planeta, os novos turistas poderiam desfrutar de momentos de libertação e de escape da terrível realidade recente nos locais retratados. Além disso, pretendia-se que o desejo despertado nos potenciais turistas resultasse de um olhar mais próximo e mais conhecedor das realidades locais, já que os autores seleccionados estavam imersos na cultura descrita, habitando mesmo, em alguns casos, como no das nossas autoras, os referidos países, ou sendo viajantes regulares por essas paragens.

A somar a tudo isso, a ascendência britânica comum a todos os autores indicados conferia um traço de unidade importante a todas as obras. As referências evocadas eram familiares aos leitores, as situações descritas eram igualmente interessantes para eles e a escolha dos trajectos

possibilitava-lhes uma espécie de novo *Grand Tour*, desta vez por rotas mais inusitadas e ao gosto da curiosidade suscitada pela descoberta do diferente.

Mas deve realçar-se que estas obras assumiam também características muito próximas de uma nova espécie de *Grand Tour* em finais do século XX. Mais democrático e aberto a viajantes de diferentes classes sociais, com interesses mais diversificados e não apenas de carácter cultural. Além disso, este turista é alguém que viaja sozinho, ou com um único companheiro, sem uma grande *entourage*. Essencialmente, não tem a seu lado um guia erudito, pelo que necessita do apoio destes relatos de viagem instruídos e que lhe indicam pormenores essenciais sobre a história do país e dos lugares que visita. Aliás, as autoras de *The Selective Traveller in Portugal* fazem questão de afirmar desde o início essa diferença de objectivos e as intenções claras desta obra:

But in the hurried days of modern travel – so unlike the spacious maunderings, in one's private coach, of the 18th century – it is not easy for anyone but the specialist to extract from the never-sufficiently-to-be-admired completeness of Baedeker or the *Guides Blues* what he will most want to see, what will chiefly interest him; the wealth of detail in these compendious (and quite indispensable) works is in itself baffling. If not a need, there is at least a place, to-day for the selective guide-book, an anthology rather than an omnibus volume. And the aim and purpose of the present book is precisely to provide such an “anthology” of the varied, unusual and beautiful things to be seen in Portugal. (Bridge & Lowndes, 1949: 1)

4. Especificações editoriais

As dificuldades e algumas dúvidas, inerentes à leitura e análise prévia da obra por parte do tradutor, resultaram então numa lista de pontos a esclarecer, sob a forma de exemplos concretos retirados do texto a traduzir. Pretendia-se, assim, que a sua identificação e apresentação à casa editora pudesse originar um conjunto de indicações e decisões que, depois de

comunicadas ao tradutor, assumissem o carácter de “especificações do cliente”.

Verificaram-se então algumas situações de anacronismo ou de simples peculiaridade, reportando-se a problemas muito diversos, cuja aglomeração em diferentes classes foi essencialmente prática, ainda que os aspectos de macroestrutura, relacionados com o público-alvo previsto tanto para o texto de partida como para o texto de chegada fossem determinantes. Contudo, é possível detectar nos casos apresentados aspectos relacionados com a microestrutura, ao nível do discurso, nomeadamente questões de conhecimentos pressupostos, de léxico usado e até mesmo de gramática e sintaxe do texto.

Para facilitar a exposição dos dados, os casos foram enquadrados em quatro grandes categorias:

4.1 Incorreções várias

Grande parte destes casos configurava situações de erro ortográfico ou aparente desconhecimento da língua portuguesa, por parte das autoras, e a consequente apresentação errada de uma palavra. Contudo, é de notar que alguns destes casos poderiam, também, reflectir uma norma gráfica anterior. Vejam-se os seguintes casos:

- | | | |
|----------------------------------|--------------|----------|
| - Antonio | António | |
| - Belem | Belém | |
| - brõa | broa | |
| - chève | chave | |
| - esfolhada | desfolhada | |
| - espada (para preparar o linho) | | espadela |
| - espigo-rei | milho-rei | |
| - filarmônicas | filarmónicas | |

- mata (conjunto de vegetação rasteira constituída por urze e tojo)
mato
- Sacavem Sacavém
- sedare sedar
- varinhas varinas

A dúvida que se colocava ao tradutor nesta situação de incorrecção lexical, seja por causa de um erro ortográfico, da eventual distração das autoras, ou mesmo de respeito por uma norma gráfica vigente na época em que a obra fora escrita, implicava saber qual o grau de autonomia que teria para efectuar a respectiva correcção, introduzindo as versões que considerava correctas.

Tratava-se aqui, em parte, de recordar a excelente panorâmica sobre o assunto que Brian Mossop faz em *Revising and Editing for Translators* (2001), em especial as indicações que dizem respeito às correcções de ortografia (2001: 23-4). Ou seja, procurava-se evitar que os eventuais erros cometidos pelas autoras dessem uma impressão errada de desleixo por parte de tradutor e casa editora. A correcção dos desvios permitiria, assim, que o leitor não perdesse confiança no conteúdo efectivo da obra e aceitasse como mais definitivo o valor do texto escrito sobre a matéria em causa.

No entanto, por vezes, os erros são de tal ordem que podem assumir foros de incorrecção histórica ou factual, levantando novamente ao tradutor os problemas de introdução, ou não, das necessárias correcções (Mossop 2001: 64-7), como se pode ver nos seguintes casos:

Pág. 9

The fifth great landmark in Portuguese history was its becoming an independent kingdom in the first part of the 12th century. In 1095 King Léon of Castile handed over the government of the coastal duchy of Portugal, then still a dependency of the kingdom of Castile, to his son-in-law, Count Henry of Burgundy.

Pág. 33

And what and enchanting and happy friendliness they show. If you pass the time of day with one of these family parties, gathered to eat in the shade, you are sure to be asked to sit down with them and share their picnic; whether you do so or not, you will be introduced to everyone, and the son home from the Americas will show off his Yankified English. The food alone makes it a temptation to accept: cold roast chickens or turkeys, whole hams, sucking-pigs boned and stuffed, fried salted herrings, piles of lettuces, vast loaves, country cheeses, and seven-litre wicker-covered *garrações* of wine! – the mouth waters while the heart is warmed by such a spontaneous kindness and courtesy.

Nestes casos, e por maioria de razão, conforme salientado pela casa editora, seria desejável que o trabalho de correcção, por parte do tradutor, fosse feito. Por um lado, a nacionalidade das autoras e o provável desconhecimento da ortografia correcta, ou mesmo a eventual confusão entre ambas na recolha dos inúmeros dados apresentados, poderia ter provocado os erros.

Acresce a isso que o leitor português, na língua de chegada, seria muito provavelmente conhecedor da forma lexical correcta e também das situações descritas, pelo que as incorrecções provocariam desconfiança: relativamente aos elementos descritos pelas autoras e relativamente aos seus próprios conhecimentos. É uma situação em que o receptor é também objecto de análise e, reconhecendo-se como tal, assume uma atitude mais crítica e, porventura, mais interventiva, seguramente menos permissiva de quaisquer desvios.

Contudo, e voltando à perspectiva do tradutor, é de notar que o leitor final em língua portuguesa teria uma percepção completamente alterada do papel e dos conhecimentos das autoras, que foram tornadas mais competentes devido às modificações introduzidas pelo tradutor. Saliente-se ainda, por outro lado, que não seria valorizada, nem sequer reconhecida, essa intervenção do tradutor, que, apesar de ter permissão para alterar, não pode indicar as situações em que produziu correcções editoriais sobre o texto

original – até porque este não surgirá a par do texto traduzido, como tantas vezes vemos na tradução de textos poéticos.

Note-se, finalmente, a possibilidade de actualização linguística inerente a tal permissão, que poderia mesmo desvirtuar o léxico, bem como a toponímia e antroponímia da época da obra original, trazendo palavras de hoje para um discurso de 1950.

4.2 Explicitação

O conceito de explicitação para a tradução, tal como primeiramente definido por Vinay e Darbelnet (1958: 8) é “o processo de introduzir informações na língua de chegada que estão presentes apenas implicitamente na língua de partida, mas que podem ser inferidas a partir do contexto ou situação”. Não se apresentam aqui outras afirmações sobre este conceito, nomeadamente de Eugene Nida (1964) ou Shoshana Blum-Kulka (1986), que ampliam e classificam esta noção, sugerindo-se apenas que a explicitação é uma técnica usada para tornar claras, no texto de chegada, informações que estavam implícitas no texto de partida.

No entanto, deve referir-se que a explicitação na obra original sugeria frequentemente funções de carácter interlinguístico ou, na definição de Roman Jakobson (1959: 114), “An interpretation of verbal signs by means of some other language”. Ou seja, a intenção das autoras era permitir ao leitor inglês, na língua de partida, um conhecimento mais aprofundado da situação indicada, com a respectiva tradução para Inglês a funcionar como explicação, deixando na obra original a “cor” local, com a palavra tal como os leitores a ouviriam ou veriam, caso estivessem em Portugal.

É significativo verificar que a identificação imediata das palavras estrangeiras é feita em itálico na obra original e que, em algumas situações, as autoras consideraram a palavra usada em Português como sendo a única verdadeiramente representativa de uma realidade cultural marcadamente diferente, tendo passado mesmo a usar tal palavra ao longo de todo o texto, como no caso de *azulejo*.

- *azulejos*, or tiles

- *cestos*, or baskets
- *eira*, or threshing-floor
- *esfolhar*, to de-leaf
- *Festa Brava*, a “wild” festa
- *quinta*, or farm

Em casos como estes, o termo inglês serviu para as autoras traduzirem o termo português, tornando mais claro para os seus leitores, na cultura alvo do texto de partida original, o termo inglês correspondente ao que reconheceriam na sua própria cultura. Naturalmente que no texto traduzido agora para Português esta espécie de glossário, que perpassa todo o texto inglês, seria desnecessário e redundante, tendo sido decidido em conjunto por tradutor e casa editora que deveria permanecer apenas a forma gráfica actual do termo português em causa.

Ainda nesta categoria da explicitação encontraram-se alguns casos ligeiramente diferentes, de cariz intralinguístico, ou, na definição de Roman Jakobson (1959: 114), “An interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language”. Ou seja, em que a explicação usada pelas autoras visava essencialmente contextualizar, para os leitores em língua inglesa, a realidade apresentada, comparando-a ou assemelhando-a a algo que seria conhecido dos seus leitores e, portanto, mais próxima deles, como se pode ver nos casos seguintes:

Pág. 10

To this period belong most of the great castles of northern Portugal; obviously to defend its newly-won freedom the little kingdom needed what the Border Scots called “strengths” in key positions, and many were built, including the one at Guimarães before referred to, with its toothed battlements.

Pág. 11

He spent two arduous years fighting the Spaniards, hampered by the intrigues of the Queen-Mother, but in 1385 the invaders were finally defeated at the great battle of Aljubarrota, the Portuguese Crécy, when bowmen on foot routed the cavalry of Spain.

Pág. 16

And within the churches, one is amazed by the glorious warmth and richness of gilt and carved retables behind and around the altars, by panelled and painted ceilings, by delicious and delicate polychrome sculptures – a form of art in which Portugal is peculiarly rich – by splendid choir-stalls, whose decoration is derived from any and every source, from Chinese lacquer to Hepplewhite; by magnificent *ambones* (twin pulpits) and splendid silver lamps or glass chandeliers.

Pág. 30

Mass is devoutly attended; the music is tuneful and lively – fiddles, double-bass and clarinet; as in the English country churches described by Thomas Hardy; and the sermon is usually of the powerful camp-meeting kind – so country tradition demands.

Numa espécie de subcategoria desta ideia de explicitação, encontraram-se ainda referências elogiosas à cultura britânica em Portugal e à sua influência positiva sobre o carácter do povo, dos objectos ou das situações históricas portuguesas. Era claramente um apelo interessante para os leitores em língua inglesa, mas que poderia activar respostas negativas nos leitores de outras línguas, sobretudo pelas eventuais imagens menos positivas associadas a tais referências.

Págs. 11-12

He [Prince Henry the Navigator] made maps, he collated evidence – from as far afield as Abyssinia; he employed renowned sea-captains; when a new

island or territory was discovered, true to his English blood he occupied and colonised it.

Pág. 18

To English people, one of the most amusing episodes in Portuguese history is its Victorian Age. For though few people realise it, Portugal had one, complete with Prince Consort! – and at about the same time as our own. On the death of Pedro IV in 1834 his daughter Dona Maria II became Queen. She married a Saxe-Coburg cousin of our Prince Albert, with the result that Queen Victoria wrote constantly and copiously to her Portuguese Royal Cousins by marriage. Many of these effusions may be read by the curious in the first three volumes of her letters. What is more, the same sort of architectural and decorative extravagances marked the period in the two countries. London has its Albert Hall, Lisbon the Palace of Ajuda; at Mafra there is a room whose furniture is entirely composed of the horns and skins of deer, in the best Balmoral tradition, and the 19th-century portion of the Palace of Pena near Sintra recall Balmoral at every turn.

Pág. 30

One of the enchantments of the Portuguese countryside is that there one can see life as it was lived in England when England was still merry, say in the 17th or early 18th centuries.

Pág. 50

In the Rua de S. Marçal, almost opposite, the British Institute has an excellent library of English books and a Reading Room with all the English papers and magazines.

Tendo em conta as sucessivas e frequentes explicitações intralinguais das autoras e a relação constante que procuravam estabelecer com o público original da obra – falantes e turistas de língua inglesa – é notório que tais

elementos foram úteis para esses leitores. Mas na tradução para Português seria legítimo mantê-los? E, nesse caso, de que forma?

Para o conjunto de palavras existentes em língua portuguesa, com posterior explicação em língua inglesa, foi tomada a decisão de eliminar todas essas explicitações em língua inglesa, dada a sua redundância.

Contudo, nos restantes casos, entendeu-se conservar esse olhar estrangeiro sobre Portugal. De facto, seria estranho que estas autoras inglesas, com as suas idiossincrasias, tivessem um outro olhar. Assim como seria estranho que as referências e aproximações culturais ao povo inglês, próprias do original, fossem subtraídas da obra.

Colocou-se, todavia, em causa, o reconhecimento imediato de tais situações no tempo de hoje e, sobretudo, pelos leitores portugueses. Tal dúvida deu origem à necessidade de introdução das notas de rodapé, essa concessão de carácter comunicativo, como lhes chamaram Hatim & Mason (1990: 18), que pretendem estabelecer elos de compreensão entre o que o tradutor terá interpretado e sentido implícito no texto de partida e aquilo que o leitor na língua de chegada acaba por encontrar.

Torna-se evidente que esta intromissão do tradutor desvirtua significativamente o trabalho das autoras, conferindo ao tradutor o papel de aferidor de conhecimentos dos previsíveis leitores e complementador das informações existentes na obra, introduzindo aleatoriamente dados no texto que será lido na Língua de Chegada e decidindo aquilo que entende como sendo do conhecimento prévio, ou não, do leitor!

Ressalve-se, todavia e neste caso, que tradutor e editora comprometeram-se a usar as notas de tradução em função das exigências ou dificuldades que percepcionariam para os leitores portugueses, e não como sinais de afirmação da presença do tradutor. Tais notas serviriam essencialmente propósitos informativos e funcionais, apesar das reservas que também neste caso suscitaram, devido ao facto de se saber que as notas quebram o fio de leitura e assinalam a presença de “terceiros” – o tradutor.

Como nota final desta secção, realce-se que o exercício de subtracção de alguns elementos ao texto original resulta, efectivamente, num empobrecimento qualitativo da panóplia de conhecimentos disponibilizados pelas autoras. Repare-se que elas demonstram conhecer as duas realidades e o léxico que as descreve, e que tal facto é amputado na versão traduzida.

Além disso, o acrescento de elementos, através das notas de rodapé, ainda que comprovadamente necessário, num tempo e cultura bem diferentes, denota claramente a intervenção de tradutor e editor em prol dos leitores portugueses.

4.3 Anacronismos

Os anacronismos de variada ordem presentes na obra reflectem olhares enviesados sobre a realidade portuguesa da época retratada. Surgiam referências positivas ao trabalho do governo português da altura (1949) e aos seus investimentos, mas também era possível perceber desajustes temporais significativos relativamente ao momento actual. A datação destas referências dispensa grandes comentários e é propícia mesmo a eventuais observações desagradáveis, especialmente por parte de leitores mais sensíveis aos aspectos políticos e sociais da época.

Pág. 8

The extent to which the laws and social structure of Portugal still retain and reflect the Mahomedan influence will probably not be noticed by the casual visitor, but it is very marked. Portuguese women, even among the powerful families of upper classes, as a rule, have few of the political interests, exert little of the political influence which have been common for three or four centuries among their counterparts in England or Hungary or France; except for learning one or two foreign languages, they do not receive much education. The legal position of women is inferior; few may vote, and on her marriage the administration of a woman's property passes to her husband; she cannot get a passport without his written permission. The Code Napoléon, which was adopted by Portugal about 1840, after the Liberal wars, is probably responsible to some extent for this state of affairs – the Code, notoriously, rated women's rights rather low. And much of this, it is true, was the case in England up to the third quarter of the 19th century; but though *de jure* an Englishwoman may have had few rights, *de facto* she was often a power in the family and beyond, consulted and deferred to by sons or husbands. This is seldom so in Portugal – nor do the women on the whole appear to seek such a position. They have little ambition and few outside interests except charity; the wife who paints, plays, or studies birds or archaeology or botany on her

own account is very much the exception. They are good though over-indulgent mothers and competent housekeepers, but they really lead enclosed lives, seeing chiefly their relations and a few female friends; for a married woman of good social position, let alone a girl, to have her own men friends, and eat with them in restaurants, or go about with them, is practically inconceivable.

Pág. 18

Portugal joined the Allies in the 1914-18 War, but her government suffered constant changes till the military *coup d'état* in 1926, which resulted, two years later, in Dr. Salazar being brought into the government. Since then the financial position of the country has been restored, and great improvements effected in many directions.

Pág. 22

Portugal is still, thank goodness, mainly an agricultural country: something like three-quarters of its population of nearly seven and three-quarter million people are engaged in agriculture of one sort or another. Cork is one of the major products; few people realise that little Portugal, with roughly the same area as Scotland, supplies the whole world with about half its cork.

Pág. 28

One of the striking things about Portugal in the 20th century is the contrast between these extremely primitive, though efficient, methods of agriculture and the highly up-to-date and scientific research into all the agricultural matters undertaken by the Government. About all this the Portuguese show great wisdom. They do not mechanise for the sake of mechanisation, in a blind worship of the machine; if a method, primitive or not, suits the local conditions and works, they leave it alone; if a more modern method is clearly better than the old, they apply it.

Pág. 51

Lisbon is one of the cleanest cities of the world. Lorries empty the dustbins daily, even in the poorest quarters; and this matter of drying the washing in the sun and sweet air at all levels is symptomatic of the innate wisdom of a nation which loves cleanliness.

No que concerne a estes anacronismos, claramente resultantes daquele que era um retrato de época, e aos desfasamentos de tal retrato face à actualidade, ficou desde o início acordado entre tradutor e editora que não haveria qualquer tipo de comentário explicativo. A razão para tal residia, por um lado, na elaboração e apresentação de um Prefácio, da autoria da filha de uma das autoras, alertando e precavendo o leitor actual precisamente para tais situações. Por outro lado, foi entendimento de ambas as partes, desde a primeira hora, que um exercício de adaptação temporal da totalidade da obra seria espúrio e totalmente desadequado.

A representação que esse novo texto faria do antigo significaria seguramente a anulação do texto de partida, dada a grande variedade de modificações implícitas. Acrescente-se, ainda, que tal exercício não se justificava tendo em conta as intenções iniciais de publicação e até as expectativas dos leitores para a obra em causa e para o momento em que fora produzida.

A estranheza na leitura e compreensão das situações descritas deste modo seria, assim, um factor inerente à inevitável datação da obra. O tempo actual significa mesmo outros lugares. Os portugueses em *The Selective Traveller in Portugal* eram o mesmo povo, tinham a mesma língua, mas eram outros. O leitor actual, em língua portuguesa, ficará com a noção clara de que, apesar de ser o mesmo país, aconteceram grandes mudanças. O relato do ontem servirá seguramente para encarar o hoje com a percepção dessas mudanças.

4.4 Imagem externa de Portugal

Sendo característicos de uma apreciação feita de passagem, os comentários sobre a imagem externa de Portugal, apesar de curiosos, revelam, por vezes, generalizações associadas a uma imagem comum que as autoras tinham do povo português e que nem sempre era positiva. Eram, por

vezes, imagens de uma identidade nacional reconhecida além-fronteiras e pelas próprias autoras como “*typical*” do que era ser-se portugueses.

Págs. 24-25

The Portuguese as a race have many charming characteristics, but none is more delightful or more admirable than their attitude to work, especially to work in connection with the kindly fruits of the earth. They make a festival, a gay and social occasion, of all the principal operations by which crops are secured to man's use. Beating the trees and gathering the olives becomes a family picnic – babies sprawl in the shade while laughing youths and elders, gaily clad, collect the precious source of the useful and beloved oil; nothing is prettier, in a really ballet-esque way, than an olive-yard at harvest-time, in the soft December sunshine.

Pág. 30

Conditions are leisurely, since the country has not yet been organised on an industrial basis, and if the villagers are often illiterate, their standard of communal enjoyment is exceptionally high. (And if that is not a desirable “standard of living”, what is?) No only is work itself turned into an occasion for festivity and jollification, but jollification pure and simple are freely undertaken.

Pág. 36

Such a scene is typical of Portugal. They are an easy-going race, with a great naturalness and simplicity. The peasants work extremely hard, but there is no violent display of energy by anyone else, and absolutely none of the Anglo-Saxon idea of doing things to time. Time means nothing.

An on the whole the Portuguese are an honest race. They will very rarely actually steal. True, one must scrutinise one's bill in hotels, even in the Government-owned *pousadas*, unless one wishes to be violently over-charged; and in even the best shops, if one has chosen, say, a pair of pure silk stockings, and asks for five more pairs of the same quality and size, it is fatal not to examine each pair minutely, as the Portuguese themselves do, or one

may find oneself landed with the same colour, indeed, but in any size, and with cotton feet and tops. But that is less wilful dishonesty than because, in the second case, the shop-girl is too lazy to see what she is giving you – and in the first because the hotel clerk was talking to someone while he made out your bill, or gave you someone else's bill – as he will tell you, blandly, when challenged.

Pág. 38

Many visitors to Portugal get something of a shock on first seeing a prison in a country town, with the inmates looking through the barred windows and holding out their hands for money. But although this fact may affect foreign susceptibilities, a little reflection shows that it must be very much more pleasant, if one is a prisoner, to be able to look out of a window onto the busy street, talk to one's friends, and receive money and ever-precious cigarettes from kind persons. In certain prisons, a lively trade is carried on in brushes, boxes and such-like, made by the prisoners, and much chaffering and bargaining can be seen going on between the house-wife in the street and the maker of the goods behind the bars. It is all very cheerful and matey, and thoroughly Portuguese.

Plenty of small change should be carried; silver to give the child or crone who actually brings the key, copper for the beggars and the swarm of children who assemble to see the fun. It is actually rather discourteous and unkind *not* to give to those who beg in Portugal, where voluntary Christian charity is more highly esteemed than governmentally organised relief. But it is not easy to carry enough coppers! In the case of children, a good plan is to still their clamour and drill them into a row, making all brothers and sisters stand together, and then give a coin to the youngest member of each family; this amuses them highly, and prevents the noisest [sic] and most active from getting tipped over and over again, as will certainly happen otherwise.

Se o surgimento destes elementos não foi propriamente uma surpresa, também não se pode dizer que se previsse o seu aparecimento em tão grande número... A sua existência enquadrava-se no espaço criativo e opinativo das

autoras e representava, de facto, as opiniões delas sobre tais matérias. Enquanto, para o tradutor, pôr em causa a sua inclusão, seria questionar a liberdade de expressão das autoras, para a editora, tal opção nem sequer foi considerada.

Deve notar-se que tais noções nos remetem para a área dos “Estudos de Imagem” e respectiva racionalização discursiva, tal como está enraizada nas diferenças culturais próprias de cada nação. A este propósito, devem assinalar-se os valores por defeito que parecemos assumir quando falamos do contacto entre seres humanos de culturas diferentes. Joep Leersen (2000: 280) refere-se precisamente a essa questão quando afirma,

National characterizations, like other stereotypes, function as commonplaces – utterances that have obtained a ring of familiarity through frequent reiteration. Their strongest rhetorical effect lies in this familiarity and recognition value rather than in their empirical truth value.

Deve notar-se ainda que esses estereótipos de identidade nacional são apresentados partindo claramente de alegadas qualidades intrínsecas, embora dependam na verdade da relação diferencial e de oposição com a cultura materna de quem propõe esses mesmos estereótipos, ou seja, neste caso, os valores culturais das duas autoras inglesas, que sucessivamente põem em confronto os valores e situações portuguesas com que se deparam com os referentes ingleses que tão bem conhecem, normalmente desvalorizando os primeiros e sobrevalorizando os segundos.

Em *The Selective Traveller in Portugal*, o cenário de observações, por parte das autoras, elogiando a presença e influência britânica já foi aqui referido. Ainda assim, é com alguma estranheza que se repara num exercício de crítica incisiva em alguns casos. Os estereótipos étnicos ou nacionais associados à imagem externa do que era ser-se Português assumiram, nesta obra e para estas autoras, características cáusticas, mas certamente reconhecíveis enquanto exercícios de auto- e hetero-análise da imagem de Portugal e dos portugueses.

Ver o “outro”, entenda-se o estrangeiro, como uma anomalia ou singularidade, porque desviado dos nossos padrões, é efectivamente a norma. Reconhecer que as peculiaridades específicas de cada nação são registadas como comportamentos alargados de todo um povo tem sido afinal uma prática comum na literatura ao longo dos tempos. É uma matéria interessante e que convirá aprofundar em pormenor, sendo esta obra fértil em exemplos.

5. Considerações finais

Para finalizar, deve reconhecer-se que a atitude do tradutor, face às questões de ordem cultural e temporal resultantes deste conjunto de dúvidas e questões, é muito fortemente determinada pela casa editora que encomenda a tradução. Pelo que a consulta prévia e permanente junto da editora é fundamental.

A sistematização dos dados, com eventual recurso às Fichas de Registo de Projecto e de Análise do Texto de Partida da Norma EN 15038 é extremamente útil. Mas esgotam-se aí as aproximações à Tradução Técnica...

A tradução de *The Selective Traveller in Portugal* não permite a simples anulação de elementos do texto, nem a adequação de certos aspectos ou perspectivas, como poderá acontecer na Tradução Técnica ou na Localização de software, só porque os tempos, as culturas, as perspectivas, e sobretudo as directivas nacionais ou europeias, também são outras.

O respeito pela diferença, pelas peculiaridades de uma outra cultura e até por alguns anacronismos, especialmente à luz da percepção que o leitor actual poderá ter sobre o período em causa – e o tradutor actua aqui como primeiro leitor na Língua de Chegada –, são características bem vincadas na actuação do tradutor ao transpor para Português *The Selective Traveller in Portugal*. Ainda assim, a conservação de todas as marcas distintivas do texto “estrangeiro” – e em especial das características evidenciadas por estas autoras “estrangeiras” – no texto traduzido torna-se impossível nesta obra em concreto.

Enfatizar a posição do tradutor e reter marcas de diversidade, usando uma estratégia translatória “estrangeirizante”, conforme a sugerida, por exemplo, por Lawrence Venuti (1995), é uma posição desde logo rejeitada

pela editora face a estratégias de leitura baseadas em critérios de fluidez e facilidade de comunicação para a comunidade receptora.

Contudo, em alguns casos presentes no livro, e claramente identificados ao longo deste trabalho, as seis décadas de distância produziram naturalmente as marcas da diferença. Os anacronismos assumem afinal formas de afirmação vincadas. E o texto valerá por si próprio como guia de viagem no tempo e no espaço... Até ao Portugal da década de 1940!

Bibliografia

Blum-Kulka, Shoshana. 1986. "Shifts of Cohesion and Coherence in Translation", in House & Blum-Kulka (eds.) 17-35.

Bridge, Ann & Susan Lowndes. 1949. *The Selective Traveller in Portugal*. London: Evans Brothers Limited.

_____. 2009. *Duas Inglesas em Portugal*. Tradução de Jorge Almeida e Pinho. Lisboa: Quidnovi.

CEN. 2006. *European Standard EN 15038 – Translation Services*. Brussels: CEN.

Jakobson, R. 1959/2000. "On Linguistic Aspects of Translation", in R. Brower (ed.) 1959. *On Translation*, Cambridge Ma: Harvard University Press, 232-9, reedição in L. Venuti (ed.). 2000. Pp. 113-18.

Hatim, Basil & Ian Mason. 1990. *Discourse and The Translator*, London: Longman.

House, J. & Blum-Kulka, S. (eds.). 1986. *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr.

Leerssen, Joep. 2000. "The Rhetoric of National Character: A Programmatic Survey" in *Poetics Today* 21:2. 267-89. Porter Institute for Poetics and Semiotics.

(http://muse.jhu.edu/journals/poetics_today/v021/21.2leerssen.pdf)

(Consultado a 4 de Março de 2008).

Mossop, Brian. 2001. *Revising and Editing for Translators*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Nida, Eugene. 1964. *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill.

Venuti, Lawrence. 1995. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London & New York: Routledge.

_____. 1998. *The Scandals of Translation*. London & New York: Routledge.

_____. (ed.). 2000. *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge.

Vinay, J.P. & Darbelnet, J. 1958. *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris: Didier.

Wilton-Ely, John. Winter 2004. "Classic Ground": Britain, Italy, and the Grand Tour. University of Hull. Volume 28, Number 1, by The College of William & Mary
[http://muse.jhu.edu/journals/eighteenth-century_life/v028/28.1wilton-ely.html] (Consultado a 4 de Março de 2008).

ⁱ Diga-se, a propósito desta matéria, que foram desenvolvidos inicialmente no CEAP (Centro de Estudos Anglo-Portugueses) na Universidade Nova de Lisboa, tendo agora continuidade no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies), vários estudos sobre tais relatos, mas também sobre as influências exercidas pelos britânicos sobre Portugal, nomeadamente com diversas obras e teses já publicadas de Mestrado (seis) e de Doutoramento (duas), estando em curso mais duas de Doutoramento e seis de Mestrado (ver em <http://www2.fcsh.unl.pt/ceap/>).